



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES

JOSIANE REGINA BRUST

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Londrina  
2009

JOSIANE REGINA BRUST

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
graduação.

Orientador: Prof. Juarez Gomes

Londrina  
2009

JOSIANE REGINA BRUST

**A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE  
APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina no Centro de Educação, Comunicação e Artes, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Juarez Gomes  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>ª</sup>. Cristina M. Nogueira  
Universidade Estadual de Londrina

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Beatriz Carmo Lima de Aguiar  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

A Deus, a todos que contribuíram e sempre me fortaleceram com palavras de apoio e motivação. Em especial a meus pais Vera Lúcia Givigier Brust e José Erli Brust e a meu namorado Rafael José Kostaski.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Juarez Gomes, braço amigo de todas as etapas deste trabalho.

A minha família, pela confiança, motivação e apoio durante todas as horas difíceis de minha vida.

Ao meu namorado Rafael José Kostas, por ter me ajudado durante todas as etapas deste trabalho.

Aos professores e colegas de curso, pois junto trilhamos uma etapa importante de nossas vidas.

Em especial as minhas amigas Camila Tonon e Jenifer Costa, por terem me ajudado nos momentos difíceis do curso.

Aos que não impediram a realização e finalização deste estudo.



BRUST, Josiane Regina. **A Influência da Afetividade no Processo de Aprendizagem de Crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. N<sup>o</sup> total de folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade estadual de Londrina, Londrina, 2009.

## RESUMO

Este trabalho fundamenta-se em apresentar as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem, compreendendo como acontece a relação afetiva entre professor e aluno no final dos anos iniciais do ensino fundamental. Objetiva-se em buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas referência sobre a afetividade no processo de aprendizagem, elencando pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar. Para esse estudo, além da realização de uma pesquisa bibliográfica, houve também a realização de uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, por meio da aplicação de um questionário com questões objetivas e subjetivas, que continham questões sociais, econômicas e culturais. Durante a escolarização da criança pressupõe-se que haverá várias interações, nas quais a afetividade está presente. A escola deve proporcionar um espaço de reflexões sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora, na qual esse processo não deveria dissociar-se da afetividade. Sendo que o professor é fundamental para a aprendizagem dos alunos, tornando a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. Por meio da pesquisa realizada em um colégio estadual de Londrina, pode-se constatar que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as palavras das crianças deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

**Palavras-chave:** Relação afetiva; Escola; Processo de aprendizagem; Respeito; Diálogo.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Bom Professor (visão dos alunos) .....	35
Gráfico 2 – Assuntos que gostam de conversar com os professores.....	36



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
1.1	Justificativa.....	15
1.2	Objetivos.....	16
1.2.1	Objetivo Geral.....	16
1.2.2	Objetivos Específicos.....	16
<b>2</b>	<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	<b>17</b>
2.1	Alguns Aspectos da Afetividade Discutidos nos Séculos XVII e XVIII.....	17
2.2	A criança aos oito e nove anos.....	21
2.3	A Afetividade e a Aprendizagem.....	24
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>32</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>33</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>37</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>38</b>
	<b>APÊNDICES</b> .....	<b>40</b>
	APÊNDICE A – Instrumento de Pesquisa Utilizado na Coleta de Dados.....	41

## 1 INTRODUÇÃO

É sabido que alguns pesquisadores da área educacional resistem em atribuir valor à afetividade; isso é percebido, por exemplo, na exposição de alguns trabalhos sobre o tema. No entanto, estudos de teóricos significativos para a educação abrangem a questão da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, presente nos trabalhos de Piaget, Vygotsky e outros.

Portanto, pretendendo-se contribuir com o polêmico debate serão apresentados, neste trabalho, reflexões e dados empíricos sobre as contribuições dessa afetividade para a aprendizagem no final das séries iniciais do ensino fundamental.

Para Piaget (apud CUNHA, 2000) o desenvolvimento cognitivo resulta da interação entre criança e as pessoas com quem ela mantém contatos regulares, no caso da escola, o aluno e os professores. Ele enfatiza as construções realizadas pelo sujeito, ou seja, essas construções passam a ser possíveis através da interação do aluno com o seu meio, havendo assim a modificação do papel do professor, o qual passa a ser um facilitador, enquanto o aluno assume a posse das idéias.

Durante toda a escolarização da criança pressupõe-se que haverá várias interações, nas quais a afetividade está presente, e é isso que será focado como aspecto facilitador para o aprendizado neste estudo. Além dos clássicos acima mencionados, outros teóricos, como Fernández (1991, p.47), dizem que toda a aprendizagem é repleta de afetividade, já que ocorre a partir de interações sociais.

Ao se refletir sobre a afetividade no processo de aprendizagem percebe-se o quanto essa temática passa despercebida ou até mesmo é ignorada por alguns professores. Os efeitos negativos dessa prática podem ser percebidos durante todo o percurso escolar, o qual terá como foco de estudo as séries iniciais do ensino fundamental.

Nesse sentido apresentam-se os seguintes questionamentos:

Quais as contribuições da relação afetiva para o processo de aprendizagem de alunos no final dos anos iniciais do ensino fundamental?

Como acontece a relação afetiva entre professor e aluno no processo de aprendizagem no final dos anos iniciais do ensino fundamental?

## 1.1 JUSTIFICATIVA

Tem-se como preocupação pesquisar a influência da afetividade para o processo de aprendizagem no final das séries iniciais do ensino fundamental.

Para isso, tenta-se demonstrar o quanto ela está presente em todo o ambiente escolar das crianças, e o quanto isso afeta em sua escolarização.

Escolheu-se esse tema por haver inquietação na autora do trabalho, desde o início do curso de Pedagogia, em como trabalhar essa interação no dia-a-dia da sala de aula, buscando uma maneira de contribuir para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis entre professores e alunos, no qual um possa respeitar melhor o outro.

A escola deve proporcionar um espaço de reflexão sobre a vida do aluno como um todo, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora. Esse processo não deveria dissociar-se da afetividade, a qual é retratada pelos conteúdos atitudinais, em que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 22-23) defendem alguns princípios que deveriam orientar a educação escolar, como a dignidade da pessoa humana, o que implica respeito aos direitos humanos, a igualdade de direitos, a participação como princípio democrático e a com-responsabilidade pela vida social. Desse modo:

Eleger a cidadania como eixo vertebrador da educação escolar implica colocar-se explicitamente contra valores e práticas sociais que desrespeitem aqueles princípios, comprometendo-se com as perspectivas e decisões que as favoreçam. Isso se refere a valores, mas também a conhecimentos que permitem desenvolver as capacidades necessárias para a participação social efetiva. (1997, p.25)

Isso mostra que os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 107-108) retratam a importância de o ensino fundamental trabalhar para assegurar a formação do indivíduo, contemplando os temas morais, o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade, fazendo com que o aluno seja capaz de respeitar as diferentes formas de expressão e participação, expondo seus pensamentos e opiniões de forma a ser entendido.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais também indicam como objetivos gerais do ensino fundamental:

A necessidade dos alunos serem capazes de compreender a cidadania como uma participação social e política, adotando atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva, tendo o diálogo como mediador. Necessidade de conhecer e valorizar a pluralidade sociocultural, posicionando-se contra qualquer discriminação. Desenvolver o sentimento de confiança sobre as capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social para o exercício da cidadania. E questionar a realidade através da formulação e resolução de problemas (1997, p. 107-108).

Dessa forma os resultados deste estudo poderão dar mais um suporte para todos os profissionais que lidam com a aprendizagem da criança mostrando como a afetividade pode influenciar positivamente no processo de aprendizagem.

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

Compreender a relação afetiva entre professor e aluno no processo de aprendizagem de crianças no final dos anos iniciais do ensino fundamental.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Buscar nas principais obras educacionais e pedagógicas, como as de Piaget e de Vygotsky, referência sobre a afetividade no processo de aprendizagem.

Elencar pesquisas contemporâneas que refletem sobre as contribuições da relação entre professor e aluno para o processo de aprendizagem escolar;

Analisar e discutir, a partir de uma pesquisa de campo e de dados empíricos, os benefícios dessa relação no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 ALGUNS ASPECTOS DA AFETIVIDADE DISCUTIDOS NOS SÉCULOS XVII E XVIII

A afetividade não é uma temática contemporânea, mas histórica. Diante dessa afirmação torna-se preponderante discutir e elencar reflexões de teóricos que buscam em suas discussões apresentar a questão da afetividade e da moral. Dentre os teóricos que abordam a questão da afetividade, destacam-se Comenius e Rousseau.

Comenius (2002, p.85) refere-se ao cérebro na idade infantil como úmido, tenro, pronto para receber todas as imagens que lhe chegam, apreendendo rapidamente o que lhes é ensinado. No cérebro do homem, é sólido e duradouro apenas o que foi absorvido na primeira idade.

Segundo ele, o homem para ser homem, criatura racional, deve ser instruído nas letras, nas virtudes e na religião, tornando-se capaz de levar a vida presente de modo útil e de preparar-se dignamente para a vida futura. Todos devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes, para que ninguém no mundo se depare com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer um uso adequado.

Diante disso, Comenius (2002, p.109) propõe uma educação escolar na qual:

I. Toda a juventude nela seja educada (exceto aqueles aos quais Deus negou inteligência). II. Seja educada em todas as coisas que podem tornar o homem sábio, honesto e piedoso. III. Essa formação, que é a preparação para a vida, seja concluída antes da vida adulta. IV. E seja tal que se desenvolva sem severidade e sem pancadas, sem nenhuma coarctação, com a máxima delicadeza e suavidade, quase de modo espontâneo (assim como um corpo vivo aumenta lentamente sua estatura, sem que seja preciso esticar e distender seus membros, visto que, alimentado com prudência, assistido e exercitado, o corpo, quase sem aperceber-se, adquire altura e robidez); da mesma forma, os alimentos, os nutrientes, os exercícios se convertem no espírito em sabedoria, virtude e piedade. (COMENIUS, 2002, p.109).

Segundo seu pensamento, a escola necessitava de princípios

fundamentais de reforma, em que seu novo método consiste no aspecto do homem, por natureza, estar pronto para aprender todas as coisas. Isso porque “As sementes da moral e da piedade são por natureza inerentes a todos os homens (com exceção dos monstros humanos, segue-se necessariamente que precisam apenas de um pequeníssimo estímulo e de sabia orientação” (COMENIUS, 2002, p. 113).

Seguindo a visão comeniana, Lopes (2003, p.93) afirma que, naquele momento da história, se preconizava a necessidade de mudança da instituição escolar; ele criticava a maneira como ela estava funcionando. A seu ver a escola era enfadonha, severa e a disciplina exercida a pancadas.

O homem, ainda que a corrupção procure cegar-lhe o entendimento, jamais pode extinguir de si o anelo pelo conhecimento e pela sabedoria. Assim sendo, depende de nos reavivar a mente humana de tal modo que os homens se beneficiem com uma educação correta. Isso está ao nosso alcance, na visão de Comenius (LOPES, 2003, p.98).

Lopes (2003, p. 115) constata que, numa concepção comeniana, a profissão do professor deve possuir características próprias, como ser uma pessoa escolhida, de exímia inteligência e integridade moral, dedicado exclusivamente ao ensino, pois o pressuposto da questão moral consiste no exemplo da vida.

Do mesmo modo como Comenius, em pleno século XVII, fala da necessidade de uma educação não cansativa, em que o professor tenha o papel de ensinar e não de maltratar os seus alunos, Rousseau, no século XVIII, também descreve as ações e condutas que um preceptor deve ter diante de seus alunos.

O ponto fundamental é a relação que o professor deve ter com o aluno:

O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre. (ROUSSEAU, 1994, p.23-24).

O sucesso da educação deve ser medido pelo grau com que o professor é amado, respeitado e estimado por seus alunos. O objetivo da educação de uma criança propõe a formação do coração, do juízo e do espírito.

Rousseau (1994, p. 63) entende que um bom professor não deve sobrecarregar seus alunos com trabalhos difíceis, mostrando-se apenas severo e zangado, construindo assim a reputação de um homem rigoroso e rude.

O professor deve participar dos divertimentos de seus alunos, fornecendo atividades que os agradem e exerçam sua curiosidade, de modo que se sintam melhor ali do que em qualquer outro lugar, mais também fazendo com que o aluno busque a aprendizagem e o interesse pelos estudos por seu próprio impulso.

Segundo Cerizara (1990, p.82), Rousseau pensava a infância como um período necessário à formação do homem. Era preciso observar atentamente o aluno antes de dirigir-lhes a palavra, não exercendo coerção sobre ele. Pois, assim como cada etapa do desenvolvimento do homem requer uma educação particular, também é preciso levar em conta as diferenças de temperamento de cada criança.

Rousseau (apud CERIZARA, 1990, p. 101) diz que a observação é um instrumento indispensável para o trabalho do professor no conhecimento das particularidades de seu aluno. Tendo por finalidade a educação segundo a idade e a educação segundo o caráter, ao passo que o educador deve conhecer as características gerais da infância e as peculiaridades de cada criança.

Cerizara ressalta:

Como a proposta da educação rousseauiana pauta-se por uma relação contratual entre a criança e o governante, ela pressupõe igualdade de direitos e deveres, embora distintos entre cada um. Pressupõe, principalmente, a garantia de respeito mútuo, do direito ao erro e do dever de reparação. Nada é predeterminado, tudo é construído numa tentativa pedagógica de harmonizar a especificidade da criança com as influências do meio, com as generalidades do desenvolvimento humano (1990, p.108).

De acordo com Cerizara (1990, p.166), a educação deve ser um meio de construir um novo indivíduo para viver em uma nova sociedade, estando apto a enfrentar a realidade tal como ela é, de modo a fazer uso tanto da razão quanto do sentimento, conhecendo a si próprio e a seus semelhantes. Isso se dá pelo fato da criança não ser capaz de assumir-se como ser moral, precisando do adulto para orientá-la em busca da independência e autonomia.

*A educação do homem começa no momento do seu nascimento; antes de falar,  
antes de entender, já se instrui.*

ROUSSEAU, Jean Jacques



## 2.2 A CRIANÇA AOS OITO E NOVE ANOS

Para que os professores tenham uma maior compreensão da afetividade e da sua influência sobre o processo de aprendizagem no final dos anos iniciais do ensino fundamental, deve-se discutir algumas características do desenvolvimento e comportamento das crianças na faixa etária dos oito e nove anos, as quais lhes fornecerão elementos sobre a motivação de seus alunos para aprender.

Quanto a isso, Souza (1970) entende que a escola é a continuação do lar, portanto, a escola não pode limitar-se apenas a fornecer conhecimentos conceituais, mas deve contribuir para o desenvolvimento da personalidade de seus alunos. A influência mais importante no processo escolar é exercida pelo professor; então é preciso que ele compreenda a origem do desenvolvimento emocional e o comportamento da criança em todas as suas manifestações. De modo que:

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. (...) O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação, pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades. (p. 10-11)

Essa mesma autora refere que a criança, aos oito anos, tende a um contato mais real com o meio, compreendendo melhor as reações dos outros, porque ela tem uma curiosidade ativa. Gosta de escutar conversas de adultos e observar suas expressões, exprime sua afeição em atos e palavras, começa a formar sua disciplina e a controlar as próprias atividades. Afetivamente sente-se mais próxima do adulto, ao qual se dirige com mais liberdade. A criança de nove anos controla melhor o meio e adquire novas formas de independência que modificam suas relações com a família, a escola e seus colegas de classe.

De maneira semelhante, Palacios e Hidalgo (2004) expõem:

Durante esses primeiros anos da infância, o principal contexto no qual a grande maioria das crianças cresce e se desenvolve é a família. A medida que avançam no desenvolvimento, as crianças vão tendo acesso e participando de novos contextos e, como consequência, vão aparecendo novas fontes de influência no desenvolvimento da personalidade. A escola e a família se transformam, então, nos dois contextos mais influentes voltados

para a configuração da personalidade infantil; os pais, os professores o grupo de iguais irão transformar-se nos agentes sociais mais importantes e decisivos durante esses anos (p. 252).

Para eles, nessa faixa etária, as crianças continuam avançando na construção do conhecimento do próprio eu e, paralelamente, são produzidas mudanças na valorização que fazem de si mesmas. Tendem a melhorar a compreensão emocional durante a infância, de maneira a avançar no controle e na regulação das próprias emoções, transformando as emoções em um processo de autocontrole, mediante o qual elas aprendem a avaliar, a regular e a modificar seus próprios estados emocionais.

Gessel (1998, p.146) diz que, aos oito e aos nove anos, as crianças estão interessadas no grupo da escola e lhes agrada a idéia da professora fazer parte desse grupo, gostam de corrigir os erros que ela venha a cometer durante as aulas. Durante as atividades necessitam e gostam de elogios, gostam também que a professora sente-se a mesa com elas. “As crianças estão ansiosas por falar e querem responder a todas as perguntas” (GESSEL, 1998, p. 168). Diz ainda esse autor:

As professoras afirmam que o quarto ano é o mais difícil de ensinar. Mas a professora tem que se convencer de que a criança de nove anos é um individualista, e sabe muito bem o que lhe agrada e o que lhe desagradava (...). A criança está mais presa às matérias de estudo do que propriamente a professora. A repulsa da criança a uma professora pode estar ligada a repulsa por uma disciplina, sobretudo quando ela tem mais de uma professora (Gessel, 1998, p. 193).

Diante das discussões apresentadas, percebe-se o quanto o professor é importante no processo de aprendizagem dos alunos. A escola deve participar da construção da personalidade, e o professor deve conhecer cada um de seus alunos, tratando-os como seres humanos com limitações e dificuldades. A criança deve ter um espaço para se expressar e dialogar com a professora e seus colegas. Nessa faixa etária ela deve se preparar para as mudanças que acontecerão posteriormente em sua vida escolar, principalmente no que se refere à passagem da quarta série (quinto ano) para a quinta série (sexto ano).

*Deus é alegria. Uma criança é alegria. Deus e uma criança têm isso em comum: ambos sabem que o universo é uma caixa de brinquedos. Deus vê o mundo com os olhos de uma criança. Está sempre à procura de companheiros para brincar.*

*ALVES, Rubem*

### 2.3 A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM

As crianças no final dos anos iniciais do ensino fundamental, como discutido anteriormente, necessitam de uma aproximação com o adulto. Diante dessa perspectiva, o professor se torna fundamental para a aprendizagem dos alunos, sendo a afetividade um dos elementos que influenciam esse processo. A afetividade, de acordo com Antunes (2006, p.5) é:

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor.

Para esse mesmo autor, a aprendizagem é uma mudança comportamental que resulta da experiência, é, portanto, uma forma de adaptação ao ambiente.

Do mesmo modo que Antunes reflete sobre a necessidade do amor, Maldonado (1994, p.39) aborda o medo e a desconfiança como fatores que dificultam o relacionamento interpessoal, assinalando que o amor pode estar escondido sob camadas de mágoa, medo, tristeza, ressentimento, decepção, vergonha e raiva. Em que:

Atitudes ríspidas, grosseiras e agressivas expressam, com freqüência, a necessidade de formar uma carapuça protetora contra o medo de ser rejeitado, contra sentimentos de inadequação (“já que sou mesmo incompetente para tantas coisas, por aí eu me destaco”) e contra a dor do desamor (“ninguém gosta de mim mesmo, quero mais é explodir o mundo”) (MALDONADO, 1994, p.39)

O professor precisa estar atento às reações de seus alunos, pois as situações assinaladas anteriormente podem acontecer nas relações interpessoais em sala de aula. Normalmente atitudes inadequadas como gritos, atitudes ríspidas, grosserias, palavrões, empurrões, podem revelar problemas com a auto-estima. Assim, se o professor não tiver sensibilidade para perceber esse problema e disponibilidade para ajudar esse aluno com tais problemas, ele pode sentir-se não

merecedor de estima e de consideração.

Para Maldonado (1994, p.42), o professor pode reconhecer quando um processo de construção do conhecimento está sendo efetivo, quando o mesmo se permite sentir o processo. Assim como sente quando está havendo aprendizagem, se o clima em sala de aula é desagradável ou rico e construtivo.

Nesse sentido, Woolfolk (2000, p.46) acrescenta que o fato do professor ser, muitas vezes, incapaz de conhecer a dinâmica do comportamento humano, faz com que tenha interpretações equivocadas quanto a seus alunos. Esses comportamentos internos (emoções, sentimentos, valores, pensamentos) e de movimento acabam sendo observados e confundidos como indisciplina. Essas situações provocam nos alunos as emoções de medo, de tristeza, de mágoa, de raiva e de insegurança. Desse modo:

Os professores são a melhor fonte de ajuda para os alunos que enfrentam problemas emocionais ou interpessoais. Quando os alunos têm uma vida familiar caótica e imprevisível, eles precisam de uma estrutura firme e atenta na escola. Eles precisam de professores que estabeleçam limites claros, sejam consistentes, apliquem as regras firme, mas não punitivamente, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação genuína com o seu bem-estar. Como professor, você pode estar disponível para conversar sobre problemas pessoais sem exigir que seus alunos o façam (WOOLFOLK, 2000, p.47).

Ainda sobre a mesma abordagem, segundo Rodrigues (1976, p.173), os motivos humanos para aprender qualquer coisa são profundamente interiores. A criança deseja aprender quando há em si motivos profundamente humanos que desencadeiem tais aprendizagens. Sendo que:

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando sente-se querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...). Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonia forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento (RODRIGUES, 1976, p.174).

Para ele, a criança, aos oito e nove anos, precisa de aprovação, liberdade e valorização. O ensino não deve ser triste, restrito, autoritário e vulgar,

mas sim objetivo e dinâmico, e o professor deve ser sensível, conhecer a criança, corresponder a sua confiança. Assim, a motivação escolar depende da intenção que o aluno tem para aprender e, do conceito sobre si, o professor e o ensino. O autor destaca:

As situações de ensino agradáveis suscitam no aluno um desejo de repetir e renovar a aprendizagem. Quando, por infelicidade, o contrário acontece, o aluno tende a rejeitar não só a disciplina que não consegue aprender, mas também tudo quanto a ela se refira, inclusive o mestre e até a própria escola. Se a situação de aprendizagem é gratificante e agradável, o aprendiz tende a se dinamizar, a extrapolar-se para situações novas e similares e, por fim, a inspirar novas aprendizagens (RODRIGUES, 1976, p.179).

Como apontado anteriormente por outros pesquisadores, também Fernández (1991, p. 47) entende que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo vinculador. Na aprendizagem escolar, a relação entre alunos, professores, conteúdo escolar, livros e escrita, não se dá puramente no campo cognitivo, existe uma base afetiva permeando essas relações, visto que, para aprender é necessário um vínculo de confiança entre quem ensina e quem aprende.

Corroborando esta afirmação, Vygotsky (1994, p.54) destaca a importância das interações sociais, ressaltando a ideia da mediação e da internalização como aspectos fundamentais para a aprendizagem e, defendendo que a construção do conhecimento ocorre a partir de um intenso processo de interação entre as pessoas. Portanto, é a partir de sua inserção na cultura que a criança, através da interação social com as pessoas que a rodeiam, vai se desenvolvendo na constituição do seu eu.

Apropriando-se das práticas culturalmente estabelecidas, ela vai evoluindo das formas elementares de pensamento para formas mais abstratas, que a ajudarão a conhecer e controlar a realidade. Nesse sentido, Vygotsky (1994, p. 55) destaca a importância do outro no processo não só de construção do conhecimento, mas também de constituição do próprio sujeito e de suas formas de agir.

Cabe mencionar que, para Vygotsky (apud Rego, 1995, p. 102), a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento intelectual e conceitual das crianças, pois é ela que se apropria da experiência culturalmente

acumulada, desenvolvendo o pensamento conceitual e a construção dos novos conhecimentos. Isso faz com que a escola deva partir do que a criança já sabe para, então, ampliar os seus conhecimentos. Nessa perspectiva, construir conhecimentos implica uma ação partilhada, em que:

As interações sociais (entre alunos e professores) no contexto escolar passam a ser entendidas como condição necessária para a produção de conhecimentos por parte dos alunos, particularmente aquelas que permitem o diálogo, a cooperação e troca de informações mútuas, o confronto de pontos de vista divergentes e que implicam na divisão de tarefas onde cada um tem uma responsabilidade que, somadas, resultarão no alcance de um objeto comum. Cabe, portanto, ao professor não somente permitir que elas ocorram, como também promovê-las no cotidiano das salas de aula. (VYGOTSKY apud REGO, 1995, p.110)

Considerando a importância das interações sociais no contexto da educação, Oliveira (1999, p.11), baseando-se em uma perspectiva vygostskiana, diz que o indivíduo internaliza o conhecimento através da interação com outros indivíduos e objetos existentes no seu ambiente sócio-histórico. Ressalta a importância da mediação como condição necessária no processo de ensino e aprendizagem. A criança adquire as habilidades essenciais para sua sobrevivência na interação afetiva com as pessoas de seu contexto sócio-cultural, demonstrando assim, a importância da afetividade na aprendizagem geral.

Este mesmo autor entende que o professor deve ter empatia, sensibilidade para perceber qual é a atividade mais adequada àquele momento e à realidade do aluno. Além disso, o sucesso do encontro exige motivação das partes envolvidas, requer momento e local favoráveis e que o assunto a ser abordado seja condizente com pelo ritmo individual de cada aluno.

Seguindo a mesma perspectiva, Dantas (1994, p.79) enfatiza que é preciso haver empatia entre professor e aluno, pois isso favorece o aparecimento de uma simpatia mútua entre ambos. O professor deve ter claro que o processo de ensino e aprendizagem é uma via de mão dupla, um vai-e-vem dele para o aluno e do aluno para ele. Ele ensina, porém seu aluno também possui saberes que o professor nem sempre possui. Fica assim caracterizado o movimento da troca.

Buscar, portanto, uma maior aproximação afetiva com o aluno, também através do diálogo e até mesmo, citando seu nome algumas vezes e fazendo perguntas, entre outras manifestações de interesse, mostra uma atitude

afetiva para com ele, o que, de certa forma, faz o aluno se sentir motivado para realizar as atividades escolares.

Dantas (1994, p.65) também ressalta que a afetividade influencia na construção do conhecimento, pois o tempo, no qual a aprendizagem de conteúdos se processa, depende do clima afetivo na sala de aula. O professor deve se relacionar afetivamente com seus alunos para que não se sintam desmotivados, dificultando assim a aprendizagem do mesmo.

Dando ênfase ao importante papel desempenhado pela escola no desenvolvimento das crianças, Wadsworth (1997, p.65) assinala que Piaget refere-se ao importante papel do afeto no desenvolvimento intelectual, uma vez que, paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, acontece o desenvolvimento afetivo. É impossível encontrar aspectos do desenvolvimento que sejam apenas cognitivos ou apenas afetivos, pois todo comportamento apresenta os dois elementos.

Diante disso, as crianças assimilam as experiências aos esquemas afetivos, do mesmo modo que assimilam as experiências às estruturas cognitivas. Piaget apud Wadsworth (1997) ressalta:

Ninguém é movido a fazer algo se não houver um pouco de motivação que origina esforço para desenvolver determinada atividade intelectual. O interesse é um exemplo de como são selecionadas as atividades intelectuais. Esta seleção é provocada pela afetividade e não pelas atividades cognitivas. Portanto, faz-se necessário pensar em afeto como sentimentos, desejos, interesses, valores e todo tipo de emoção (p.70).

Ainda vale a pena assinalar que Wadsworth, apoiado na teoria piagetiana, resume as características de uma criança no desenvolvimento das operações concretas (7-11 anos), no âmbito da afetividade, da seguinte maneira:

À medida que as crianças se desenvolvem afetivamente, mudanças paralelas podem ser observadas em seus julgamentos morais. O desenvolvimento do afeto normativo, da vontade e do raciocínio autônomo influencia a moral e a vida afetiva da criança operacional concreta. As crianças desenvolvem a capacidade de perceber o ponto de vista dos outros, de considerar as intenções e de melhor se adaptarem ao mundo social (WADSWORTH, 1997 p.74).

Como mencionado por Wadsworth, à afetividade é pensada como sentimentos, desejos, interesses e emoções, uma vez que tanto os aspectos afetivos



quanto os aspectos cognitivos participam no desenvolvimento intelectual da criança. Para corroborar com esta discussão e com as reflexões anteriormente discutidas, convém buscar em artigos disponíveis em meio eletrônico contribuições mais atualizadas.

Ao destacar a escola como ambiente relevante para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, Capelatto (p.8) diz que a afetividade é a dinâmica mais profunda na qual o ser humano pode participar, e que se inicia no momento em que um sujeito se liga a outro por amor.

A escola tem como função proporcionar aos alunos oportunidades de evoluir como seres humanos; o trabalho pedagógico deve fazer com que os alunos cumpram regras, impondo-se limites. Desse modo:

Algumas escolas preocupam-se apenas com a quantidade de informações que transmitem por meio de competição e do uso de modernas tecnologias, de forma meramente burocrática e mercadológica. Afastam-se assim do “ser humano”, tratando os alunos apenas como número de registro. Com isso, apesar de dispor de um grande espaço onde os jovens passam metade do seu dia durante duzentos dias por ano, acabam por perder a oportunidade de ajudá-los a desenvolver a afetividade. (CAPELATTO, p. 14)

Nesse sentido, a escola não deve ser só um lugar onde aconteça a aprendizagem intelectual, mas um ambiente no qual se fale de amizade, da importância do grupo e de questões afetivas. Desse modo, “os momentos de afetividade vividos na escola são fundamentais para a formação de personalidades sadias e capazes de aprender” (CAPELATTO, p.14).

Pelo fato da escola não ser apenas um ambiente de aprendizagem cognitiva, Dias (2007) assinala que os currículos escolares brasileiros deveriam abordar a afetividade, e defender uma educação compromissada com a formação de pessoas livres, autônomas, responsáveis e amorosas. Para ela, o avanço da modernidade, a necessidade de sobrevivência, a mudança de papéis desempenhados pela família e as inovações tecnológicas trouxeram para a escola um novo homem, o qual necessita de uma formação baseada nos valores do grupo social. Porém, o que se percebe na fala dos profissionais da educação é que “o problema da educação se resolveria com a melhoria das salas de aula, bibliotecas, laboratórios, materiais pedagógicos, equipamentos de informática e audiovisuais” (DIAS, 2007).

Ainda vale a pena ressaltar que numa perspectiva piagetiana, o desenvolvimento da criança é inseparável do conjunto dos relacionamentos afetivos, sociais e morais que constituem a vida na escola. Como o aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual, ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento da criança.

Sobre a mesma preocupação, segundo Ribeiro e Jutras (2006), a dimensão afetiva contribui para a aquisição de atitudes positivas em relação a professores, às disciplinas por eles ministradas e para a aprendizagem cognitiva dos alunos em sala de aula. A afetividade é, na verdade, importante porque contribui para o processo de ensino e aprendizagem, na criação de um clima de compreensão, confiança, respeito mútuo e motivação. Sendo que:

Os resultados positivos de uma relação educativa movida pela afetividade opõem-se àqueles apresentados em situações em que existe carência desse componente. Assim, num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranquilos, constroem uma auto-imagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em freqüentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar. O professor que possui a competência afetiva é humano, percebe seu aluno em suas múltiplas dimensões, complexidade e totalidade (RIBEIRO e JUTRAS, 2006).

O professor afetivo é aquele que desenvolve estratégias pedagógicas, educativas, dinâmicas e criativas, demonstra prazer em ensinar, estimulando os alunos e envolvendo-os nas decisões e nos trabalhos do grupo. O professor deve estar centrado na pessoa do aluno, compreendendo suas principais necessidades e incluindo-as no planejamento do ensino.

A afetividade é importante para que “se estabeleça uma melhor relação educativa entre professores e alunos, favorável, conseqüentemente, a aprendizagem dos conteúdos escolares” (RIBEIRO e JUTRAS).

Pelas discussões que se sustentam acerca deste tema, a afetividade é realmente um aspecto importante no processo de aprendizagem das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental, porque fundamenta a relação entre o professor e o aluno. Ela não deve ser pensada como o único meio de atingir a aprendizagem, mas deve ser considerada como um dos elementos influenciadores do processo de ensino e aprendizagem.

No que diz respeito à influência da afetividade no final dos anos

iniciais do ensino fundamental, pode-se perceber que o professor desempenha um papel de grande relevância no processo de aprendizagem, uma vez que a escola deve promover um espaço no qual as crianças possam se expressar e dialogar com os colegas e com os professores.

Por meio das discussões em torno da afetividade, torna-se preponderante assinalar que muitos foram os autores e artigos dos quais se teve contato durante o trabalho. Porém, de acordo com a natureza do trabalho, foi preciso atentar-se para os que viessem corroborar diretamente com a problemática dessa pesquisa.

### 3 METODOLOGIA

Para este estudo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a qual valeu de teóricos clássicos e contemporâneos que trabalham com a questão da afetividade no processo de aprendizagem, buscando obter o máximo de informações e esclarecimentos que contribuíssem para a resolução dos problemas aqui apresentados.

Realizou-se uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, através de questionários com perguntas objetivas e subjetivas, com questões que foram respondidas por alunos de 3ª e 4ª séries do ensino fundamental. As informações continham questões sociais, econômicas e culturais, que ajudam a compreender melhor o ambiente cognitivo e afetivo dos alunos.

O questionário referente à pesquisa de campo foi aplicado em uma escola estadual de Londrina, localizada na região oeste, distante do centro da cidade. Participaram dessa pesquisa 22 alunos matriculados na 3ª série A e 18 alunos da 4ª série A do ensino fundamental, no ano de 2008, os quais responderam às questões em sala de aula.

As questões respondidas foram tabuladas, agrupando-as conforme as respostas dos alunos, bem como interpretadas, subsidiando uma relação com os teóricos abordados durante o trabalho.

Essa interpretação dos dados teve como objetivo contribuir com as discussões em torno da afetividade, buscando na conversa com os alunos o quanto ela é importante no processo de aprendizagem dos alunos no final dos anos iniciais do ensino fundamental.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base no questionário aplicado, houve a preocupação em corroborar com as discussões em torno da importância da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. As informações buscadas atrelaram questões sociais, econômicas e culturais, tendo como objetivo compreender melhor o ambiente cognitivo e afetivo dos alunos. O questionário aplicado foi organizado com base em algumas questões do SAEB e questões referentes ao tema “A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental”. Sendo que o questionário já é aplicado desde 2003 no projeto “Escola e família de mãos dadas com o aluno”.

Para a discussão dos dados, buscou-se abordar questões que viessem a corroborar diretamente com o tema, havendo o recorte de algumas delas.

A aplicação do questionário realizou-se no Colégio Estadual Profª Déa Alvarenga, sendo as questões respondidas por 22 alunos de 3ª série (4º ano) e 18 alunos da 4ª série (5º ano) do ensino fundamental, num total de 40 alunos. A escola se localiza no Jardim São Francisco, próximo ao Parque de Exposições Ney Braga.

O bairro é de médio porte econômico, e a maioria dos pais trabalham em fábricas próximas. A escolarização dos pais abrange o ensino fundamental e médio, com algumas exceções, pois alguns, não concluíram a 1ª e 2ª série do ensino fundamental.

A conversa com os alunos sobre o que mais valorizam na escola, teve como principais respostas as boas notas (quinze alunos) e a importância da professora (dez alunos). O interessante é que as boas notas (dez alunos) também foram consideradas o segundo elemento mais importante pelo ponto de vista do que os pais mais valorizam na escola, sendo que o primeiro foi o aprender (dezenove).

Percebe-se na fala dos alunos que pelo fato dos pais esperarem deles uma nota alta no final do bimestre, o incentivo que eles têm para estudar se apóia principalmente na nota. Na escola o objetivo dos alunos é a busca por um número (nota). Sendo que o olhar dos alunos para a importância da nota não é uma surpresa, uma vez que a escola se organiza historicamente para atingir a esse objetivo.

Porém, percebe-se também a importância que a professora tem para uma parte dos alunos. Nas suas respostas pode-se constatar que para eles a professora representa uma forte influência em seu aprendizado. Desse modo, como foi mencionado anteriormente, Souza (1970) entende que a influência mais importante no processo educativo é a figura do professor; ele pode contribuir para modificações positivas no comportamento infantil.

Outro aspecto relevante é que ao questioná-los sobre o que o pai, mãe ou outra pessoa faz que os deixa mais felizes, as respostas dos alunos apontam para o carinho que recebem (vinte alunos) e o tempo durante o qual ficam juntos (nove alunos). Conseqüentemente, o que eles mais admiram nos professores dos quais mais gostam também é o carinho (dez alunos) para com eles. Percebe-se assim o quanto esperam tanto dos pais quanto dos professores, que sejam carinhosos, pacientes e respeitosos. Isso pode ser assinalado com base no gráfico a seguir, o qual traz as características de um bom professor na visão dos alunos:

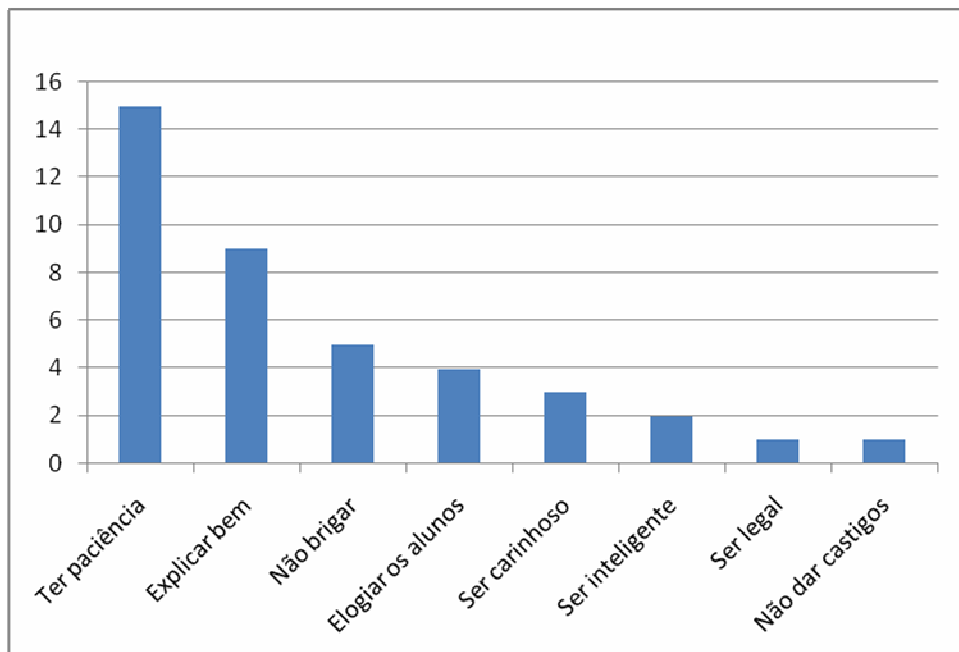


Gráfico 1 – Bom professor (visão dos alunos)  
Fonte: da pesquisa (2008).

Com base no gráfico, destacam-se, entre as características de ser bom professor a paciência (quinze alunos) e as boas explicações (nove alunos). Os alunos esperam que o professor tenha paciência durante a aula, como ponto de grande valor para que haja reciprocidade entre ambos.

Contrapostas às características de um bom professor, entre as principais atitudes dos professores dos quais não gostam apontam o brigar

(dezenove alunos) e o não ter paciência (sete alunos) durante as aulas. Das falas dos alunos pode-se concluir que, na maioria dos casos, os professores esquecem-se de ouvi-los, tornando-os meros recebedores de informações.

As palavras das crianças deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

Todos os alunos que participaram da pesquisa disseram que gostam quando o professor conversa com eles, que gostam de conversar com o professor e de serem ouvidos por eles. Ao observar o gráfico a seguir, pode-se destacar o quanto os alunos gostam de discutir sobre questões pessoais (doze alunos), sobre dúvidas da aula (dez alunos) e receber elogios das atividades desenvolvidas (sete alunos).

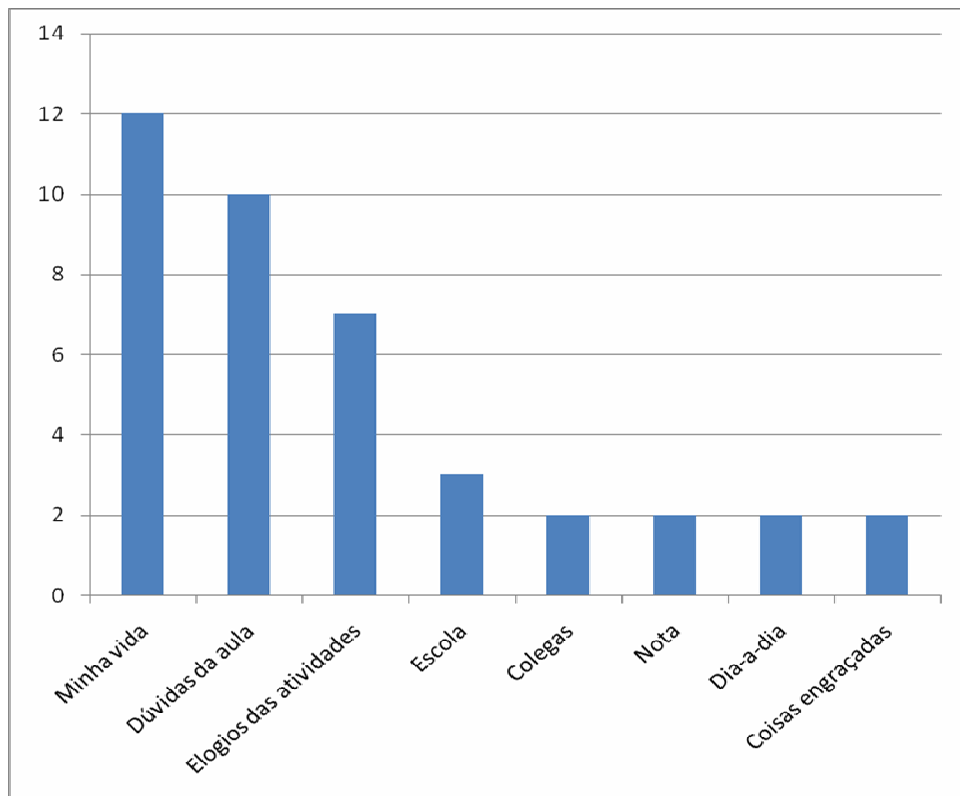


Gráfico 2 – Assuntos que gostam de conversar com os professores.  
Fonte: da pesquisa (2008).

A conversa entre o professor e o aluno é muito importante para o processo de aprendizagem. Segundo Woolfolk (2000, p. 47), é preciso que os professores estabeleçam limites claros, respeitem os alunos e mostrem uma preocupação com o seu bem-estar. Como professor, ele deve oportunizar que seus alunos conversem sobre problemas pessoais, suas ansiedades, seus problemas.

Ao serem perguntados como expressam carinho por seus professores, responderam que expressam pelo comportamento-obediência (dez alunos) e pelo respeito (dez alunos).

Buscou-se por meio da apresentação e discussão de alguns dados, apontar questões pertinentes a problematização inicial da pesquisa.

Retomando algumas reflexões sobre a importância da afetividade para o processo de aprendizagem formal, Vygotsky apud Rego (1995, p.102) diz que a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento intelectual e conceitual das crianças. Desse modo, as interações entre os alunos e os professores é condição necessária para a produção de conhecimentos, permitindo o diálogo, a cooperação e as trocas de informações mútuas.

Ainda sobre a mesma abordagem, Dantas (1994, p.65) ressalta a influência da afetividade na construção do conhecimento, no qual a aprendizagem depende do clima afetivo na sala de aula.



## 5 CONCLUSÃO

Como apresentado anteriormente, a academia tem resistência no que diz respeito a questão da afetividade, sendo percebido, por exemplo, na exposição de alguns professores durante o curso.

Em consequência do aspecto mencionado, teve-se durante toda a pesquisa a preocupação em discutir a influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças no final dos anos iniciais do ensino fundamental, como um elemento facilitador e motivador desse processo. Na qual a escola é um ambiente repleto de interações sociais, fundamentada principalmente na relação entre professor e aluno.

A preocupação quanto a questão da afetividade não fundamentou-se em discutir os aspectos afetivos como determinantes no processo de aprendizagem, mas como um fator facilitador em como trabalhar com a interação entre professor e aluno, buscando contribuições para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis.

Para que o professor conheça bem seus alunos, é necessário que não negligenciem os aspectos afetivos. É importante refletir sobre a importância da afetividade em uma sala de aula nos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que os alunos possam ser compreendidos, aceitos e respeitados, de modo que os professores possam entender seus sentimentos. É preciso ter sensibilidade para ouvi-los, dialogar com eles e apoiá-los para que busquem superar as suas dificuldades.

Por meio dos aspectos fundamentados nas discussões dos autores e na pesquisa de campo, conclui-se que a afetividade manifestada na relação entre professor e aluno constitui elemento inseparável no processo de construção do conhecimento, uma vez que a qualidade da interação pedagógica vai conferir um sentido afetivo para o objeto de conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/ Secretaria de Educação fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. p 107-108.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética/ Secretaria de Educação fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997. p 25.
- CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990.
- COMENIUS, Jan Amos. **Didática Magna**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- COSTA, Carmem Rodrigues da. **Momentos em Psicologia Escolar**. Curitiba: Pinha, 1995.
- CUNHA, M. V. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: DE LA TAILLE, Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- DIAS, Marli Mendes. **O lugar da afetividade no cotidiano escolar**. São Paulo: 2007. Disponível em: [http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver\\_opinião.php?](http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_opinião.php?). Acesso em: 25 jun. 2009.
- FERNANDÉZ, Alicia. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- GESSEL, Arnold. **A criança dos 5 aos 10 anos**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOPES, Edson Pereira. **O conceito de teologia e pedagogia na Didática Magna de Comenius**. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- MAINARDES, J. **Cenários de aprendizagem: instâncias interativas na sala de aula**. São Paulo: Quebra Nozes, Londrina: Cefil, 1999.

MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e afetividade**. Revista de Educação AEC, v.23, n.91, p.37-44, 1994.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky - Aprendizado de desenvolvimento**: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1999.

PALACIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**: Psicologia Evolutiva I. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 252-267.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

RIBEIRO, Marinalva Lopes e JUTRAS, France. Representações sociais de professores sobre afetividade. **Estudos de psicologia**. Campinas, v.23, n.1, p.39-45, mar 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci-arttext&pid>. Acesso em: 03 jul. 2009.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional**: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 305p.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe. Paraula, 1994.

SOUZA, Iracy Sá de. **Psicologia**: a aprendizagem e seus problemas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

VYGOSTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. Martins Fontes - São Paulo. 5ª edição, 1994.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 5ªed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WOOLFOLK, Anita E. **Psicologia da Educação**. 7ª ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A – Instrumento de Pesquisa Utilizado na Coleta de Dados

ESCOLA MUNICIPAL \_\_\_\_\_

SÉRIE: 3ª E 4ª

PERÍODO: MATUTINO E VESPERTINO

1. Idade: \_\_\_\_\_ Sexo: M ( ) F ( )
2. Você se considera: Branca ( ) Parda/Morena ( ) Preta ( )  
Indígena ( ) Amarela ( )
3. Vê televisão? Não( ) Sim( ) Quantas horas por dia:
4. Conversam sobre os programas da TV com você? Sim( ) Não( ).
5. Assiste filmes? Não ( ) Sim ( ). Quantos por semana:
6. Usa computador? Não( ) Sim( ) E *Internet*? Não( ) Sim( ).
7. No total, \_\_\_\_\_ pessoas moram na mesma casa.
8. Mora com a mãe? Não( ) Sim( ).
9. A mãe lê e escreve? Não( ) Sim( ).
10. Mora com o pai? Não( ) Sim( ).
11. O pai lê e escreve? Não( ) Sim( ).
12. Quem é mais presente na vida escolar? Pai( ) Mãe( ) “Outra pessoa”( )  
Quem?
13. Você ajuda nas tarefas de casa? Não( ) Sim( ). No quê?
14. Trabalha fora de casa? Não ( ) Sim ( ).
15. Brinca com colegas? Não( ) Sim( ). Onde?
16. A família faz refeição junta? Não( ) Sim( ).
17. O que MAIS GOSTA de fazer junto com os pais (ou resp.)?
18. O que MENOS GOSTA de fazer junto com os pais (ou resp.)?
19. Fica MUITO FELIZ quando: Pai( ) Mãe ( ) “Outra Pessoa” ( )  
Faz carinho( ) Elogia e anima( ) Fica bastante tempo junto comigo( )  
Dão presentes sem motivo( ) Ajuda quando você pede e/ou precisa( ).
20. Fica MUITO TRISTE quando: Pai( ) Mãe ( ) “Outra Pessoa” ( )
21. Seus amigos conversam com seus pais (ou resp.)? Não( ) Sim( ).
22. Conversa em casa sobre ocorrências na escola? Não( ) Sim( ).

23. É cobrado para fazer lição de casa? Não( ) Sim( ).
24. Recebe ajuda para fazer a lição de casa? Não( ) Sim( )
- De quem:
25. O que seus pais (ou resp.) MAIS VALORIZAM na escola:
26. O que você MAIS VALORIZA na escola:
27. Seu maior problema ou o que mais incomoda em sala de aula é:
28. Tem outros livros, além dos escolares? Não( ) Sim( ) Quantos:
29. Lê revistas? Não( ) Sim( ) Quais:
30. Usa a biblioteca? Não( ) Sim( ) Da escola( ) Do município( ).
31. Já foi ao cinema? Não( ) Sim( ).
32. Já foi a shows musicais? Não( ) Sim( ).
33. O que você acha que o professor precisa para ser um bom professor?
34. O que você admira nos professores que mais gosta?
35. Quais são as atitudes dos professores que você não gosta?
36. Você cumpre com suas tarefas e estuda igualmente para todas as disciplinas ou tem diferença nas aulas que você mais gosta? Por quê?
37. Você gosta quando o professor conversa com você? Quais são os assuntos que você gosta de falar com os professores?
38. Como você expressa carinho por seus professores?



